

# Barra do Jucu vive verão sem agitação de turista

A114896

Cláudia Feliz

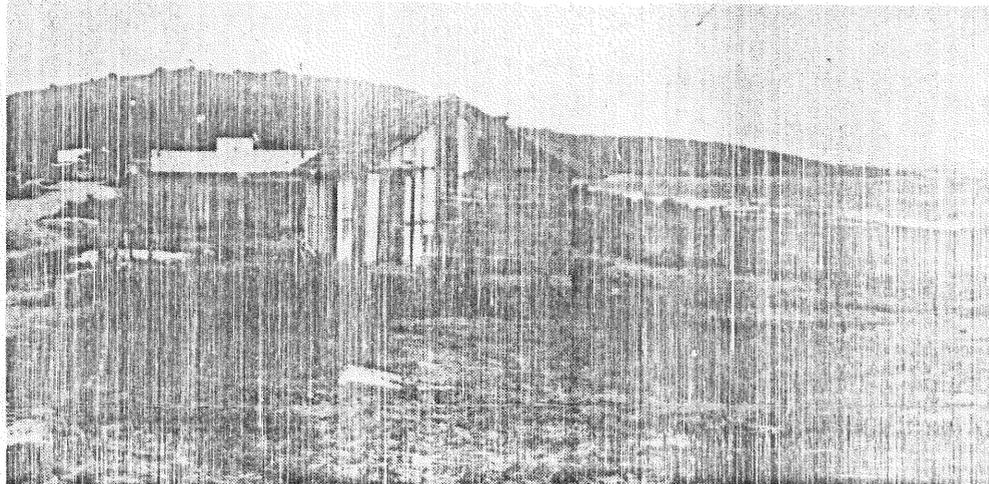
Quando Martinho da Vila apareceu no Fantástico, da TV Globo cantando *Madalena do Jucu*, música do repertório do congo da Barra do Jucu, de Vila Velha, Derly Catarino Vieira dos Santos, que nasceu na Barra há 41 anos, ficou preocupado. O balneário bucólico, rico em beleza natural, que não vive o movimento frenético de turistas em plena temporada de Verão, estava sendo diulgado para todo o país. Até que ponto esse fato seria bom? Derly preocupa-se, como a maioria dos habitantes da Barra, com a preservação do lugar. É claro que a crise econômica não pode ser desprezada, mas ali, estranhamente, o sol, o mar e a vegetação exuberante ainda não conseguiram atrair turistas em número suficiente para ocupar as poucas casas disponíveis para aluguel e os seis quartos da única pousada existente, a Espera Maré. Na orla há comerciantes como Dalva Angélica Ferreira que chegam a perguntar: "O que será que acontecê neste lugar?", pedindo sugestões para aumentar seu movimento de vendas sem, contudo, transformar a Barra do Jucu num campo para a exploração não-comprometida com a manutenção de sua qualidade de vida.

Tranquila, mas repleta de problemas. Assim é a Barra do Jucu, que mesmo sendo um bairro de Vila Velha tem ligações telefônicas classificadas como interurbanas — e o que é pior: os três orlhões ali instalados não podem ser utilizados nem mesmo para as ligações internas. Há 15 dias, segundo vários moradores, o lixo no local não é recolhido, embora a Barra tenha sido escolhida, há alguns anos, como local de despejo de todo o lixo coletado no município. O lixão deixa no balneário muitas moscas e mosquitos. O vereador Aerton Vieira dos Santos diz que a Barra é como um filho rejeitado. Por isso defende a idéia de emancipação política do lugar.

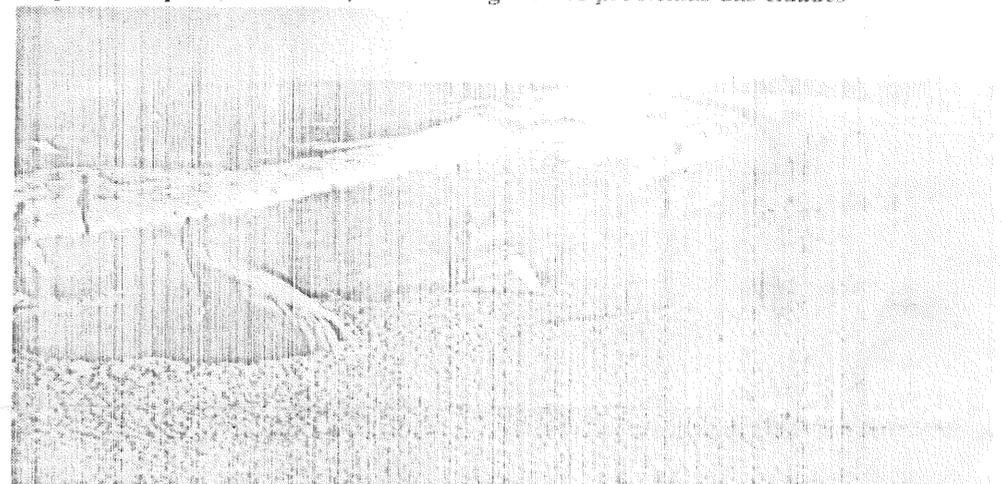
A idéia ainda é bastante embrionária, mas Vieira explica que já deu início ao tra-



O balneário é bucólico, rico em beleza natural, não vive o movimento frenético do turista em plena temporada de verão, mas tem alguns dos problemas das cidades



No ano passado, o Governo do Estado instalou em uma área invadida 300 famílias



A beleza do mar que tem fama de violento e que há algum tempo foi point famoso

entendem como um bairro de município onde as ligações são normais pode ser discriminado, como se pertencesse a outra cidade. "Fala-se de Vila Velha com Cariacica, Vitória, Carapina sem se pagar interurbano, e aqui nós ficamos como se estivéssemos ilhados. Nem com a sede do nosso próprio município podemos nos comunicar normalmente", queixa-se o vereador.

Solange Barcelos Costa, filha do casal que há 25 anos instalou no local o restaurante mais famoso da região, o Barramar, também acha que a situação é, no mínimo, desagradável. "É preciso que instalem pelo menos um posto telefônico aqui, porque os três orlhões, além de não terem utilidade — com eles só se faz interurbano a cobrar — estão sempre quebrados", diz ela. O não-recolhimento do lixo, regularmente,

Na orla da praia do Peitoril a comunidade reivindica uma urbanização com instalação de um pequeno play-ground, calçada, meio-fio e um possível calçamento com paralelepípedos — embora alguns moradores discordem. Ali, aproximadamente dez casas foram construídas de frente para o mar, invadindo a faixa de areia, obstruindo a Avenida da Praia. O prefeito Jorge Anders garante que a urbanização será executada no segundo semestre deste ano, tendo colocado uma placa para bloquear novas invasões, e admite que problemas mais graves, verificados em outros bairros do município, acabam absorvendo mais as atenções da PMVV. Garantiu desconhecer o problema da coleta do lixo e sobre o posto médico, apontado como desparelhado, não negou ser a falta de resolu-

## A tradição da banda de congo

Ontem houve Folia de Reis na Barra do Jucu. 'Seu' Irio Leão, 77 anos, fez parte do grupo tocando seu violão. Mas importante mesmo na tradição popular e religiosa da Barra é a banda de congo, que tem Alcides Gomes da Silva, 95 anos, como seu primeiro mestre. *Madalena do Jucu*, música do repertório do congo da banda de São Benedito, da Barra, já está imortalizada porque foi gravada por Martinho da Vila em seu último disco.

Alcides Silva criou a banda quando tinha apenas 12 anos de idade. Está ainda bem lúcido e só lamenta o fato de a banda estar se desviando, na sua interpretação, do sentido religioso. Devoto fervoroso de São Benedito, — na terra diz que seu protetor é o ex-



O vereador Aerton Vieira dos Santos diz que a Barra é como um filho rejeitado. Por isso defende a idéia de emancipação política do lugar.

A idéia ainda é bastante embrionária, mas Vieira explica que já deu início ao trabalho de levantamentos de dados para subsidiar a discussão, que deve envolver toda a comunidade, em torno do assunto. A Barra, na visão do vereador, passaria a ser sede de um município envolvendo as localidades de Itapuera, Colheiras, Jaguaruçu, Jabactê, Sete, Ponta da Fruta, Morro da Lagoa, Parque Residencial Terra Vermelha e parte de Amarelos. Segundo ele, a maioria das regiões é área rural.

### Ninguém assume

A Prefeitura mantém na Barra três garras, um posto médico e uma escola de 1º Grau. Na Educação a queixa é da não-existência do 2º Grau, forçando os adolescentes a estudarem em bairros distantes, principalmente na sede do município. As ligações interurbanas também são motivo de reclamação porque os moradores não

podem bancar muitas moscas e mosquitos. Também acha que a situação é, no mínimo, desagradável. “É preciso que instalem pelo menos um posto telefônico aqui, porque os três orlhões, além de não terem utilidade — com eles só se faz interurbano a cobrar — estão sempre quebrados”, diz ela. O não-recolhimento do lixo, regularmente, também desagrada Solange, que já chegou até a organizar um mutirão em sua rua, a João Coutinho. “Vim para cá aos cinco anos de idade e acho que a Barra precisa de manutenção, de um tratamento melhor”.

Polêmica mesmo é a discussão em torno do calçamento de ruas. Solange, por exemplo, acha que se pavimentarem toda a Barra — só a região central tem ruas com paralelepípedos — ela será descaracterizada. O pescador Pedro Paulo Lyra, 51 anos, cuja família é originária do lugar, por sua vez, diz que é preciso que o progresso chegue ao balneário. E progresso com asfalto e sistema de esgoto, principalmente. O saneamento é realmente importante já que na Barra há situações como a da Rua Ana Barcelos, cujo esgoto está rompido, exalando mau cheiro. “Já telefonei para a Prefeitura e ninguém veio consertar”, denuncia Magali Lodi.

Abrem mão de desfrutar ali seus dias de férias e feriados durante o ano. Gente como o casal Nazareth e Eduardo Castilho, que há 11 anos veraneia na Barra. “Esse aqui não é lugar para turista explorar, sujar, e a gente não quer que a Barra se torne tão conhecida a ponto de virar um mangue seco. Turista que não tem vínculo com o lugar fica agressivo, depreda. A gente é diferente porque ama a Barra e se sente aqui morador. Eu mesma já votei até na eleição do Movimento Comunitário...”, diz Nazareth.

O vereador Aerton Vieira dos Santos, 30 anos, que nasceu na Barra, admite que a região é mesmo *sui generis*. Como não há delegacia ou posto policial militar (uma reivindicação) a segurança quem faz mesmo são os próprios moradores. “Aqui nós temos tranquilidade mas não estamos imunes a um assalto, por exemplo. Se isso acontece, a Barra inteira entra em alerta”, diz ele. Vieira admite que uma de suas preocupações refere-se à possibilidade de um crescimento desordenado do balneário, com grande aumento populacional. O Governo do Estado instalou na região mais de 300 famílias no ano passado e a Prefeitura de Vila Velha garante já ter recebido recursos federais para 400 lotes urbanizados. “A Barra não tem a mínima infra-estrutura para suportar tudo isso. Nossos problemas vão aumentar”, garante o vereador.

### Uma rocinha

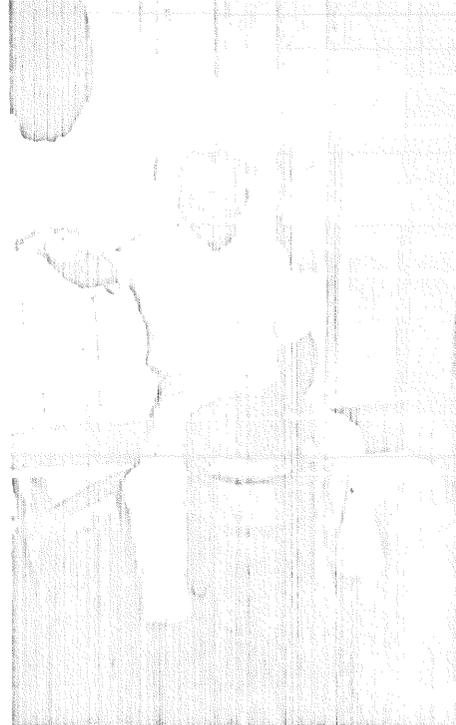
O problema é o que menos deseja quem escolheu a Barra para morar ou relaxar na temporada de verão. Magali Vereza Lodi, por exemplo, veraneia na Barra do Jucu há mais de 30 anos, e diz que o que mais admira no lugar é o sossego que ele oferece. “Eu e meu marido fizemos aqui a primeira

disco.

Alcides Silva criou a banda quando tinha apenas 12 anos de idade. Está ainda bem lúcido e só lamenta o fato de a banda estar se desviando, na sua interpretação, do sentido religioso. Devoto fervoroso de São Benedito, — na terra diz que seu protetor é o ex-prefeito Américo Bernardes da Silveira — ele não gosta de ver o congo animando turistas e nativos em meio à ingestão de bebidas alcoólicas, em exposições públicas.

**Todos parentes** A Barra do Jucu tem muitas histórias interessantes, além de ter ficado conhecida, mais recentemente, como reduto da intelectualidade amante da ecologia. Ali quase todos os nativos são parentes uns dos outros porque, segundo Irio Leão, o local se desenvolveu a partir da chegada das famílias Leão, Valadares, Calazans, Bianco, Ribeiro dos Santos, Abreu e Coutinho. O avô do pescador, Antônio dos Santos Leão, era um fazendeiro que, segundo o neto, alforriou a escrava Maria Teresa da Conceição, para com ela se casar.

Irio diz gostar da Barra do jeito como ela é. Condena a poluição do rio Jucu — “os peixes já não aparecem por lá” — quer saneamento básico para a região, mas sente-se contente por poder caminhar tranquilamente pelas ruas da outrora fazenda Leão.



Alcides foi o primeiro mestre do congo

## Mar violento garante tranquilidade do local

Ha quem garanta que o mesmo mar que embeleza a Barra do Jucu é o responsável pela manutenção da tranquilidade desse balneário atípico, onde verão significa trânsito engarrafado e turistas “predadores”, daqueles que jogam lixo por todos os cantos. É que o mar ali tem fama de violento, aliado apenas dos surfistas que durante algum tempo, através de competições esportivas, transformaram a Barra num ponto famoso.

Na temporada de verão, quando tradicionalmente os balneários costumam ficar movimentados — atualmente, porém, os altos preços não estão convidando a muitas aventuras nesses locais — a Barra do Jucu parece não viver os dias quentes de sol e mar, pelo menos de segunda a sexta-feira. Os comerciantes explicam que movimento mesmo, de fazer garçom correr para garantir um bom atendimento da clientela, só tem acontecido aos sábados e domingos, ou em dias de festa.

### De Vitória

Nos finais de semana e feriados quem está invadindo as praias da Barra são mesmo moradores de Vitória que, na interpretação do comerciante Rafael, José Fonseca Fialho, estariam fugindo da poluição das águas da capital. Rafael o dono do restaurante e pousada Espera Maré, chegou ao balneário em 1975, imaginando que o lugar, em pouco tempo, explodiria comercialmente falando, tendo em vista todo o seu potencial turístico. Essa explosão até hoje, segundo ele, não aconteceu, embora nos últimos cinco anos muitas pessoas tenham adquirido lotes na região.

Ocuparam a Barra ecologistas, artistas plásticos, jornalistas, pessoas que buscavam justamente o bucolismo, a tranquilidade que o lugar oferece. “Comercialmen-

te não é bom, mas é excelente para morar e, como eu, criar duas filhas”, diz Rafael Fialho.

Sua pousada, até a última quinta-feira, ainda estava vazia — tem seis quartos, o banheiro é coletivo e o preço da diária é de NCz\$ 200,00 com direito a café da manhã — e Rafael ainda dispunha de seis casas cujos proprietários lhe pediram que alugassem nesta temporada. As mais simples têm diária fixada em NCz\$ 300,00/dia, enquanto a mais cara, dotada de quatro suítes e piscina, sai por NCz\$ 1.500,00.

Dalva Angélica Ferreira, dona de um bar na avenida da praia do Peitoril, também lamentava a permanência do seu quarto de aluguel completamente vazio, comentando que uma amiga não conseguiu alugar nenhuma das quatro casas que dispunha para a temporada de verão. “Eu nunca vi uma temporada tão fraca, embora a Barra do Jucu seja mesmo isso que a gente vê, sem movimento intenso”, disse ela.

### Nativos

Na Barra do Jucu as pessoas ainda se referem uma às outras lembrando a condição de nativos dos que representam a maioria da população, de aproximadamente 5 mil habitantes, com 1.700 eleitores. O corretor de imóveis Paulo Pimentel garante que poucos proprietários colocam à venda suas áreas. “A maioria é nativa, não quer sair daqui onde há muito tradicionalismo”, comenta. Os poucos lotes disponíveis têm preço máximo de NCz\$ 30 mil, (por 300 metros quadrados) segundo ele, nas áreas nobres que são a pracinha central e a região de beira-mar. Pimentel não tem dúvidas de que, mesmo os capixabas, ainda não “descobriram a Barra”.

Mas há mineiros que já o fizeram e não

abrem mão de desfrutar ali seus dias de férias e feriados durante o ano. Gente como o casal Nazareth e Eduardo Castilho, que há 11 anos veraneia na Barra. “Esse aqui não é lugar para turista explorar, sujar, e a gente não quer que a Barra se torne tão conhecida a ponto de virar um mangue seco. Turista que não tem vínculo com o lugar fica agressivo, depreda. A gente é diferente porque ama a Barra e se sente aqui morador. Eu mesma já votei até na eleição do Movimento Comunitário...”, diz Nazareth.

O vereador Aerton Vieira dos Santos, 30 anos, que nasceu na Barra, admite que a região é mesmo *sui generis*. Como não há delegacia ou posto policial militar (uma reivindicação) a segurança quem faz mesmo são os próprios moradores. “Aqui nós temos tranquilidade mas não estamos imunes a um assalto, por exemplo. Se isso acontece, a Barra inteira entra em alerta”, diz ele. Vieira admite que uma de suas preocupações refere-se à possibilidade de um crescimento desordenado do balneário, com grande aumento populacional. O Governo do Estado instalou na região mais de 300 famílias no ano passado e a Prefeitura de Vila Velha garante já ter recebido recursos federais para 400 lotes urbanizados. “A Barra não tem a mínima infra-estrutura para suportar tudo isso. Nossos problemas vão aumentar”, garante o vereador.

### Búzios? Nem pensar...

De Belo Horizonte, mas com presença assegurada na Barra pelo menos uma vez por mês, a analista de Sistemas, Mylene Soraya Sabarense já comprou um terreno de mil metros quadrados na região, mas lamenta que a rua de acesso esteja interdita por um chiqueiro. Por enquanto fica em casa de amigos — a hospedagem em casa de amigos e parentes é a forma mais frequente de as pessoas permanecerem no balneário e, também por isso, as casas disponíveis para aluguel, que não chegam a 20, nesta temporada estão quase todas fechadas. “A gente não quer que isso aqui se transforme em algo como Búzios e Cabo Frio, com toda aquela agitação”, diz ela.



Solange: residindo no local há 20 anos



Paulo: a Barra ainda não foi descoberta



Bianca preferiu deixar a Praia do Canto